

HISTÓRIA

Descobrimos a emigração

MOACYR SCLiar *

No passado, os emigrantes descobriram o Brasil. Agora é o Brasil que está descobrindo os emigrantes. Depois de *Terra Nostra*, a Globo volta ao tema com *Esperança* – uma novela bem cuidada, com excelente reconstituição histórica, bons atores, bom diretor, bom autor. Houve inclusive um alargamento na visão histórica: *Terra Nostra* falava da emigração italiana; *Esperança* lida com várias etnias. No cinema, após o êxito de *O Quatrilho*, baseado no livro de José Clemente Pozenato, Fábio Barreto retorna igualmente à história da emigração com *A Paixão de Jacobina*, baseado na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil. E em *Sonhos Tropicais*, baseado em romance de minha autoria, André Sturm colocou, ao lado de Oswaldo Cruz, a figura singular de uma “polaca”, uma daquelas moças judias da Europa Oriental que eram atraídas para o Novo Mundo com a promessa de um casamento e acabavam em um bordel – de Buenos Aires, ou do Rio, ou mesmo de Porto Alegre. Na literatura brasileira recente a história da emigração tem sido fonte de inspiração para vários escritores; para mencionar apenas um exemplo, é o caso de Milton Hatoum, que em *Dois Irmãos* cria uma história ambientada na comunidade libanesa da Amazônia, da qual ele é originário e sobre a qual já nos havia falado no belo *Relato de um Certo Oriente*.

Enfim: uma vertente cultural que ganha força neste 2002. Por significativa coincidência, o ano que marca o centenário da primeira obra literária importante sobre emigração, o romance *Canaã*, de Graça Aranha.



José Pereira da Graça Aranha (1868 – 1931) seguiu uma trajetória muito típica dos intelectuais brasileiros de sua época. Nascido em São Luís, Maranhão, descendente de tradicional família, formou-se em Direito no Recife e seguiu a carreira da magistratura. Como juiz municipal em Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo, em 1890, conviveu com emigrantes – e tirou daí a inspi-

No ano em que se comemora o centenário da publicação de “Canaã”, de Graça Aranha, ganham força os livros, filmes e novelas que recriam a saga dos colonizadores do Brasil

ração para *Canaã*, que, no entanto, só seria lançado em 1902. Antes disso, e sem ter publicado livros, Graça Aranha entrou para a recém-fundada Academia Brasileira de Letras (1897). Tornou-se diplomata, e passou 20 anos fora do Brasil, em várias missões. Voltando, participou da Semana de Arte Moderna, em 1922. Em 1924, rompeu com a Academia: indignava-o o que considerava o imobilismo da literatura oficial. A essa altura, já tinha imagem de contestador, como se constata pelo romance *Viagem Maravilhosa*, uma obra de clara temática política e social.

Canaã gira basicamente em torno a dois personagens: o recém-chegado Milkau, vindo da Alemanha para o Espírito Santo, e von Lentz, também emigrante, mas de estirpe aristocrática: é filho de um general alemão (com quem, no entanto, brigou). Milkau está em busca de terra para trabalhar e convida Lentz a acompanhá-lo. A jornada serve de pretexto para uma longa discussão sobre o Brasil. Milkau, otimista, ainda que ingênuo, acredita na miscigenação como fator de progresso: da fusão das “raças adiantadas” com as “selvagens”, virá o rejuvenescimento da

civilização. O Brasil será Canaã, a terra prometida. O amargo e autoritário Lentz, convicto da superioridade germânica, acha que, ao contrário, a mistura racial gera uma cultura inferior, uma civilização de mulatos revoltados que serão sempre escravos. Para ele, o Brasil é um país de “raça híbrida”, uma “cultura inferior”. E afirma: “Mas isto é a lei da vida e o destino fatal deste país. Nós renovaremos a nação, nos espalharemos sobre ela, a cobriremos com nossos corpos brancos e a engrandeceremos para a eternidade”.

Milkau, que pretende ser apenas um pequeno proprietário, anseia por justiça social. Lentz, ao contrário, está determinado a ampliar sua propriedade; quer ter muitos trabalhadores sob seu comando. Na convivência com os colonos, Milkau comove-se com a simplicidade deles, enquanto Lentz vê naquilo uma existência sem sentido. Entra em cena uma emigrante, Maria Perutz, colona que, depois de muitas vicissitudes, é expulsa pelos patrões e pelos outros colonos. Dá à luz a um filho ilegítimo, mata-o, é presa e julgada. Milkau acompanha o julgamento, fica amigo do juiz, com quem tem longas conversas – de

novo um pretexto, para que se fale do país. O magistrado, impossibilitado de fazer justiça por uma série de circunstâncias, observa que a decadência na região é um “misto doloroso de selvageria dos povos que despontam para o mundo, e do esgotamento das raças acabadas.”

Milkau, finalmente, tira Maria da prisão e foge com ela, correndo pelos campos em busca de Canaã, a terra prometida, onde os homens vivem em harmonia.

Canaã é um livro pomposo, grandiloquente. Os personagens, pouco convincentes, não dialogam: dão discursos. As descrições são barrocas. A mata é “iluminada” pelas “lâmpadas divinas” dos vagalumes, como se as árvores estivessem “craçadas de diamantes e topázios”. Apesar disso, é uma obra importante: retrata o clima emocional e intelectual do Brasil na virada para o século 20. Significativa coincidência: no mesmo ano de 1902 aparecia *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O cenário agora é o sertão da Bahia; os personagens, reais, são os seguidores de Antônio Conselheiro. Para esse lugar viaja Euclides da Cunha, encarregado de realizar um trabalho jornalístico sobre a rebelião de Canudos – trabalho que depois daria origem ao livro.

No início da narrativa, Euclides vê os sertanejos como “gente ínfima e suspeita, avessa ao trabalho... vencidos da vida”. No que não destoava de outros intelectuais da época, que viam na mestiçagem um processo danoso; Ruy Barbosa se referia aos habitantes de Canudos como “idiotas e escravos de galés”. Era uma idéia corrente em boa parte do estabelecimento científico, adepta da “ideologia do pessimismo”, na expressão de Dante Moreira Leite, e que tem como expoente maior Sílvio Romero, em quem inter-

rompe-se a corrente do nativismo e nacionalismo otimista. A natureza já não é considerada generosa; ao contrário é a causadora de muitos males físicos e psíquicos. O brasileiro será apresentado como um tipo inferior, sobretudo quando comparado aos habitantes das regiões industrializadas da Europa. Essa “inferioridade” corresponde a um racismo tipo Gobineau, cujo arauto foi Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906). Médico, professor de Medicina Legal na Universidade da Bahia, Nina Rodrigues tentou dar foros de ciência às suas idéias, baseando-se inclusive no darwinismo, na idéia da sobrevivência do mais apto. Via nos negros, e sobretudo nos mestiços, sinais de inferioridade: indolência, imprevidência, imoralidade. Não era o único a pensar assim: a Medicina Legal de então, e a antropologia, eram repletos do preconceito.



Reconstituição histórica: a telenovela “Esperança”, com Simone Spoladore, recupera tradições e costumes de várias etnias

AG, DIVULGAÇÃO/ZH